



LUIZFELIPE 2018

Corá Clara

FRANCIELY

LUIZFELIPE 2018

Corá Clara

FRANCIELY

LUIZFELIPE 2018

Corá Clara

FRANCIELY

LUIZFELIPE 2018

Corá Clara

FRANCIELY

BIA LARI SUZY TETE

JAYU LALA 1893

BIA LARI SUZY TETE

JAYU LALA 1893

BIA LARI SUZY TETE

JAYU LALA 1893

BIA LARI SUZY TETE

JAYU LALA 1893

Ramila R.

2500 3246 BIA ANA

Ramila R.

2500 3246 BIA ANA

Ramila R.

2500 3246 BIA ANA

Ramila R.

2500 3246 BIA ANA

BOB FO

ADRIELE GARÇA

BOB FO

ADRIELE GARÇA

BOB FO

ADRIELE GARÇA

BOB FO

ADRIELE GARÇA

MATEUS

DOUGLAS

MATEUS

DOUGLAS

MATEUS

DOUGLAS

MATEUS

DOUGLAS

LORE

DANILLO

LORE

DANILLO

LORE

DANILLO

LORE

DANILLO

ARIELY

ESTER

ARIELY

ESTER

ARIELY

ESTER

ARIELY

ESTER

BU STA

VAL

BU STA

VAL

BU STA

VAL

BU STA

VAL

YACAY

MARIANA

YACAY

MARIANA

YACAY

MARIANA

YACAY

MARIANA

Clá Carboni

Queen Sábá já warren

origem



anotações de uma mulher

As mulheres presentes nesse livro nos contam sobre suas trajetórias e sobre coragem, sobre o pavimento que foi necessário erguer para que nós, mulheres, pudéssemos chegar até aqui. Sejam elas conhecidas ou anônimas, suas vidas e experiências foram fundamentais para que pudéssemos continuar inventando as nossas vidas.

Inicialmente este seria um livro sobre Cora Carolina, nome presente em ruas, bibliotecas, restaurantes, museus do estado de Goiás. Entretanto fui descobrindo que Cora não é apenas um nome, é uma vida que se inventa, assim como ela mesma fez, Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que inventou Cora Coralina. Cora passou, aqui, de protagonista de um livro para uma costura tão rica que possibilitou uma publicação que falasse sobre mulheres, sobre nossa força, nossa resistência, nossos desejos e sobre a continuidade de práticas que oprimem, que matam e que desejam silenciar.

O esquecimento é uma das formas de calar e as marcas são uma forma de permanecer. O poder de expressar seus desejos e anseios são marcas da permanência de Cora, Olga, Maria, Chiquinha, Celina, Arethusa, Inês, Leila e de todas as mulheres que escreveram seus nomes numa porta, no centro da cidade de Goiás ou em qualquer outro lugar. São muitas as formas de permanecer. Quantas ainda podemos descobrir?

Olhemos, então, a História pelo buraco que fizemos nas portas. Fomos e somos sempre o que não pode ser contado. Somos o que vaza, ainda que lentamente e silenciosamente. Talvez essa porta um dia não exista mais. Vibremos.

Ciça Carboni

Editor Valdemir Cunha

Fotos e Texto Ciça Carboni

Editora Executiva Lígia Fernandes

Edição de imagens Valdemir Cunha

Direção de Arte Valdemir Cunha

Projeto Gráfico Editora Origem

Tratamento de Imagem Ipsis Gráfica

Impressão Ipsis Gráfica

Loja virtual editoraorigem.com.br



Copyright, 2019
Fotografias: Ciça Carboni

Os direitos desta edição pertencem à Editora Origem
Av. Omega, 442 - bl. 2, cj. 131.
CEP 06472-105 Barueri-SP Brasil
www.editoraorigem.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carboni, Ciça
Quem sabia já morreu / Ciça Carboni. -- São Paulo :
Editora Origem, 2019.

ISBN: 978-85-64444-36-2

1. Fotografia 2. Mulheres - Brasil - História I. Título.

19-31132 CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias : Arte 779

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

FONTE: Victoria
MOLO Munken 135 g/m²
CAPA: Marbre Blanc 270 g/m²
TIRAGEM: 50 exemplares

1 / 50

AGRADECIMENTOS: aos parceiros de foto e afeto João Liberato e Humberto Pimentel, à Joana Luparato pela revisão generosa e afetuosa, à Lucrecia D'Alessio Ferrara pela mão sempre estendida. À Valdemir Cunha e Lígia Fernandes pela paciência e dedicação

ciga carboni

quem sabia já morreu

Corá



Como uma doceira pode se comportar de forma a romper com padrões de uma época? Fazendo doces.

Quando começa a fazê-los, Corá Coralina tinha acabado de voltar para Goiás Velho, com novos conhecimentos, experiências de vida, sozinha e sempre poeta. Mais importante do que pensar como foi a volta de Corá para Goiás, é pensar como a cidade reagiu à sua volta, por conta de sua partida. Enquanto fazia doces de frutas, pensava versos, juntava gente e enxergava a cidade com outros olhos. Ligada à terra e atenta aos mais vulneráveis, Corá tinha olhos críticos e generosos com a cidade onde nasceu.

Ao mesmo tempo em que mexia o facho de doces, sabia que eram ações e palavras que poderiam modificar a ordem das coisas, mesmo que lentamente, como uma calda, até chegar ao seu ponto exato. É nesse momento de volta às suas raízes que seus livros de poesia são publicados e a doceira se torna poeta para o mundo.

Corá deixou sementes em Goiás, atitudes que buscam romper com preconceitos e estereótipos e que incomodam pela força e resistência. Bordados feitos por encarcerados, uma oração aos presidiários; cura feita pelas raízes e plantas, um cântico da terra; doces feitos por mãos de homens e mulheres, todas as vidas. Assim como seus poemas, seus doces e atos tinham assinatura.

São várias as especulações sobre a vida de Corá Coralina: a prostituta, a comunista, a dublê de doceira, a que não gostava dos vizinhos, dos filhos ou de crianças; todas são parte da diversidade de versões sobre sua vida. Há quem as negue, há quem as confirme. A estrada que liga Goiânia à Goiás Velho ganhou o nome de Corá Coralina e estava em obras quando as fotografias deste livro foram feitas. Uma estrada inconclusa se assemelha a uma vida inventada. Nelas não existem certezas, apenas possibilidades e potência. Corá sempre pertenceu às letras, às palavras e por elas fez seu caminho doce e árduo: ser a poeta que faz doces, ser a doceira que faz poesia.

GOIÁS

GOIÁS DE GOIÁS



Olya

Em 1930, a alemã Olya Benário é enviada ao Brasil para fazer a segurança do líder comunista Luís Carlos Prestes, com quem se casa pouco depois. Cinco anos mais tarde, ambos são presos acusados de conspiração COMUNISTA. Ela é deportada, grávida, de volta para a Alemanha. Depois de dar à luz em um campo de concentração nazista, é AGGASSINADA na câmara de gás de Bernburg.



Chiquinha

Em 1877, aos 52 anos, Francisca Edwines Neves Gonzaga adotou José Batista Fernandes Lage, um musicista de 16 anos. A adoção foi a forma que encontraram de poder viver uma HISTÓRIA DE AMOR. Chiquinha sofreu todo tipo de julgamento e pressão por sua escolha. José Batista foi o companheiro da artista até o final de sua vida.

COLHEITA DE A
ASSENTAMENTO SERRA
G... IÁS - GO



Bonita

Em 1929, Maria Gomes de Oliveira conhece Campião, e por vontade própria, fugindo de um casamento infeliz, junta-se ao bando e passa a viver sob as condições violentas do cangaço. Em 1938, Maria Bonita, a cangaçoceira, é morta e **DECLARADA** pela polícia.



LIZ FELIPE
2018

BIA AM
LARI
SUZY
TIE

FAMILIA R.

B.B.P.

GL

AIK

JOE

JACAR

MARIA R.C.

ELENA

Sona Clara

FINCELY

12/19 BIA 8^{FE}

Southern

1893

1892

Barna

VITUB

ADIELE

DOUGLAS

MATEUS

MIA

Daniel

ARIELLY

LU STA

FAIA

FEV

MICHAEL

JOYCE VIEIRA

DOUGLAS

LAINE

MARY

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE

JOYCE



^ Inês

Em 1971, Inês Etienne Roman foi presa em São Paulo e levada para um centro de tortura clandestino em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Lá, além de TORTURADA e estuprada, tentou o suicídio 4 vezes. Sobreviveu à morte, conseguiu fugir do cárcere clandestino, identificou e DENUNCIOU seus torturadores e o centro de tortura.





Arethusa

Em 1977 o DIVÓRCIO passa a ser legal, extinguindo os vínculos do casamento. Arethusa Figueiredo Henrique Silva de Aguiar, uma juíza de paz de Miterói, foi a primeira MULHER divorciada no Brasil. Um ano depois, casou-se novamente.



Coralina

Na década de 50, Cora volta para Goiás Velho e lá vive de doces, POESIA e portas abertas. Por estas portas passaram presentes e despedidas, conversas e fofocas, acusações e agradecimentos. Chegaram também suas publicações e um novo ofício: poeta.

...algen sa
...remde ca
...a meratone
...a rashe...



A cada 11 minutos,
uma mulher é
estuprada no B

A cada 2 horas,
uma mulher
é assassinada.





Ceila

Na década de 70, Ceila Diniz, a professora de Jardim de infância que se tornou atriz símbolo do cinema nacional, ESCANDALIZA o Brasil ao ir à praia de biquíni exibindo sua gestação avançada. Ceila falava abertamente sobre amor, política, assédio e sexo e a própria gravidez, o que provocava a revolta de leitoras e leitores, num tempo em que a Igreja considerava o uso de métodos contraceptivos um PECADO capital.





Celina

Em 1928, no Rio Grande do Norte, Celina Guimarães Viana requisitou ao cartório eleitoral estadual um pedido para votar nas eleições municipais. Ela foi a primeira mulher a VOTAR antes do decreto de 1932, que oficializou a conquista das mulheres brasileiras de votar e serem votadas para os cargos legislativos e executivos.



FE

PRIVATIVO

FIM

Bordel

Relatos de um motorista de taxi em 2018, em Goiânia, contam que Cora Coralina foi uma **COMMISTA** ferrenha e dona de um bordel. Seu magnetismo pessoal e sexual lhe rendeu vários casamentos e, claro, vários amantes. Segundo ele: «Não ligava para os filhos, preferia seu **BORDEL**».





Estar na cidade de Goiás Velho é caminhar em ruas de mistérios inscritos e escritos sobre Cora Coralina. Longe da obriedade prevista por algumas publicações, biografias, matérias jornalísticas e até instituições, a vida de Cora não cabe em resumos ou visitas guiadas.

Também não cabe em fotografias ou filmes, mas talvez caiba em seus poemas. Certamente cabe nos mistérios que envolvem sua vida, passagens pouco explicadas e inconclusas, um campo de possíveis, de acontecimentos. Uma vida como deve ser: muito vivida, pouco explicada. No período em que estive em Goiás Velho estava imersa numa pesquisa sobre rastros e acontecimento. Fui para lá com o objetivo de falar sobre Cora através de fotografias, mas também falar dos meus processos internos, de criação e de reconhecimentos. O livro se fez outro, durante seu processo, assim como a vida faz a nós, enquanto vivemos. De tão imersa fui parar em outro lugar, mas a poeta continuava a ali a me guiar.

Cora Coralina, a criança dita feia e rejeitada pela família, inventiva e ousada, quando adulta vê como única possibilidade de viver uma relação com um homem divorciado, sair da cidade. Vai

para São Paulo e lá, entre cidades do interior e a capital, passa mais de 40 anos, parindo e criando seus filhos. Engajou-se como enfermeira na Revolução Constitucionalista de 1932, onde seu filho também combateu. Cerca de dois anos mais tarde, já viúva, depois de vender livros pelas ruas da cidade e ter uma pensão no bairro da Aclimação, vai para o interior do estado, onde provê seu sustento até então ligado às atividades rurais e artesanais, à terra e ao alimento.

Na década de 50 Cora volta para Goiás para resolver questões relativas ao espólio de sua família. Naquele momento, tem que estabelecer novas regras para si na cidade que um dia não permitiu que isso acontecesse e, nessas regras, Cora fazia doces para vender e versos para sonhar. Em 1965 seu primeiro livro é publicado, *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais*. Ela tinha 75 anos e ainda publicaria outros títulos.

Cora Coralina, nacionalmente conhecida, principalmente na Goiás Velho do século XXI, requer olhar atento para que se possa enxergar as várias mulheres que nela habitava e que dela se multiplicam. Cora era uma feminista sem se saber como tal, com convicções políticas que antecipavam tendências e que rompiam padrões de submissão.

Inventar outras possibilidades de vida e de realidade. Foi o que fizeram essas mulheres e tantas outras que aqui não apareceram, mas que merecem crédito por sua coragem, por seus corações, pelo afeto sentido e vivido, por suas memórias. Fabular e inventar outras possibilidades de vida, através da fotografia ou outra linguagem, exige coragem, afinal, quem sabia já morreu.

Em 1985 Cora vira história e passa a ser reinventada por aí.

